Que a luz permaneça depois de nós

Duas ambições não precisam fazer sombra uma à outra



Laura Bellini

Que a luz permaneça depois de nós

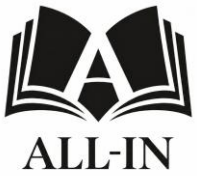
Duas ambições não precisam fazer sombra uma à outra

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903773

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O preço da própria luz 11
Capítulo 2 - Limites e promessas 21
Capítulo 3 - A temperatura da confiança 32
Capítulo 4 - Depois do expediente 41
Capítulo 5 - O direito de dizer não 51
Capítulo 6 - A luz entre nós 62
Capítulo 7 - Um nome escrito com luz 72
Capítulo 8 - O mundo além da vidraria 83
Capítulo 9 - O risco gravado no vidro 94
Capítulo 10 - Espaço para dois 105
Capítulo 11 - O que não dissemos 117
Capítulo 12 - O nome sob o projeto 127
Capítulo 13 - O preço da visibilidade 139
Capítulo 14 - Entre o desejo e a verdade 150
Capítulo 15 - Sob o nome de outra pessoa 160
Capítulo 16 - A distância entre as luzes 171
Capítulo 17 - A própria voz 180
Capítulo 18 - Espaço para dois nomes 190
Capítulo 19 - Dois nomes, uma história 202
Capítulo 20 - Que a luz permaneça depois de nós 212

INTRO

A primeira coisa que senti ao entrar no galpão foi o calor. Não o calor agradável de uma casa, nem o ar seco de um aquecedor. Era um calor denso, quase palpável, que se depositava sobre a pele e por baixo da roupa, com cheiro de metal, poeira e alguma coisa mineral que eu não conseguia identificar. Parei atrás da linha amarela pintada no chão e fiquei observando, por alguns instantes, um homem do outro lado do galpão girar uma esfera de vidro incandescente na ponta de um longo tubo de sopro. A esfera era alaranjada, quase branca no centro, como um sol minúsculo nas mãos de alguém que sabia exatamente até onde podia dominá-lo.

Era justamente por isso que eu tinha ido até ali.

Não por causa do sol. Por causa do controle.

Faltavam quarenta e dois minutos para a reunião. Eu levava uma pasta cheia de desenhos e um projeto no qual vinha trabalhando havia sete meses. Seis luminárias. Uma coleção. Vidro moldado à mão, sem uma perfeição artificial, com um leve deslocamento do eixo da luz que faria cada peça parecer diferente à noite e durante o dia. Eu havia encontrado a tecnologia adequada, calculado os custos e conversado com galerias em Varsóvia, Berlim e Copenhague. Só me faltava uma oficina capaz de produzir o vidro exatamente como eu queria.

A oficina de Maurycy Kłos.

O simples fato de saber que precisava de mais alguém me irritava mais do que deveria.

Peguei o celular, fotografei a luz refletida sobre uma mesa de aço e, por reflexo, deslizei o dedo pela tela, como

se já pudesse enquadrar ali uma luminária pronta. O vidro deveria difundir a luz, não aprisioná-la dentro de si. Meus projetos sempre começavam com essa frase. As pessoas compravam luminárias porque precisavam de um objeto. Eu as projetava para que, depois de algumas semanas, deixassem de perceber o objeto e começassem a perceber o espaço que ele criava.

— Senhora Sowa?

Virei-me.

O homem que vinha na minha direção não parecia alguém enviado pela recepção para buscar uma visitante. Não usava camisa social nem paletó, apenas uma camiseta escura, calças de trabalho e óculos de proteção erguidos sobre a cabeça. Os fios grisalhos nas têmporas estavam ali, sem qualquer tentativa de disfarçá-los. Havia uma cicatriz clara em seu antebraço esquerdo, suas mãos estavam cobertas por uma fina camada de poeira fosca e seu modo de olhar era decididamente tranquilo demais para alguém que estava nove minutos atrasado para uma reunião.

Consultei o relógio.

— Se o senhor é Maurycy Kłos, sou eu, sim.

O canto de sua boca se moveu discretamente.

— Vamos começar pela pontualidade?

— Começamos há nove minutos.

— Então vamos mesmo.

Ele se aproximou e estendeu a mão. Seu aperto era firme, mas sem ostentação. Um aperto que parecia mais confirmar sua presença do que tentar provar alguma coisa.

— Maurycy Kłos. Peço desculpas. Uma cúpula de vidro rachou durante o recozimento. Preferi descobrir por quê

antes de começar a lhe contar que aqui tudo funciona perfeitamente.

Aquilo deveria ter me desarmado.

Não desarmou.

Mas despertou meu interesse.

— Coisas perfeitas raramente me interessam.

Ele olhou para a pasta debaixo do meu braço.

— Então talvez tenhamos dado sorte.

Começou a caminhar pelo galpão, e eu o acompanhei. Não me levou até um escritório. Em vez disso, passamos por dois fornos, uma bancada coberta de ferramentas e vários moldes de madeira escurecidos por anos de uso. A cada poucos metros, alguém o interrompia. Ele respondia brevemente, sem elevar a voz. Em determinado momento, mudou uma decisão depois de ouvir uma única frase de um funcionário. Em outro, pediu que não corrigissem uma peça, mas que a deixassem como estava para examiná-la depois de esfriar. Ele não precisava representar o papel de dono. Não precisava demonstrar autoridade.

E esse era justamente o problema.

Eu gostava de pessoas competentes.

Até demais.

— Eu esperava uma mesa, um café e uma conversa sobre prazos — comentei.

— A senhora terá tudo isso depois. Primeiro, quero mostrar por que metade dos seus desenhos não vai sair como imagina.

Parei.

Ele ainda deu mais dois passos antes de perceber.

— Como é?

Virou-se e me encarou sem o menor sinal de arrependimento.

— Analisei os materiais que a senhora enviou.

— E conseguiu decidir, em nove minutos, que metade deles não vai funcionar?

— Não. Ontem levei quase duas horas para chegar a essa conclusão.

Senti a primeira rachadura, muito nítida, surgir no meu planejamento daquele dia.

— Interessante que não tenha mencionado isso no e-mail.

— Porque, por e-mail, a senhora teria respondido que precisamos encontrar uma solução.

— Porque precisamos.

Dessa vez, ele sorriu de verdade.

Não foi um sorriso largo. Nem sedutor. Foi o sorriso de alguém que acabara de ouvir exatamente aquilo que esperava.

— Foi justamente por isso que a convidei.

Não gostei de perceber que uma única frase tinha sido suficiente para deslocar minha irritação alguns centímetros na direção da curiosidade.

Maurycy abriu uma porta pesada que dava para uma sala menor. Nas prateleiras havia amostras de vidro: leitoso, fumê, transparente, colorido na própria massa. Algumas eram lisas; outras, onduladas, como se alguém tivesse aprisionado nelas o movimento da água. No centro da mesa estava a impressão de um dos meus projetos. Meu desenho estava coberto de anotações a lápis.

Aproximei-me imediatamente.

— Essas são as minhas proporções.

— Eu sei.

— O senhor as modificou.

— Marquei os pontos em que o vidro vai decidir algo diferente do que a senhora decidiu.

Levantei os olhos.

— Vidro não toma decisões.

— Então a senhora ainda não trabalhou com ele.

Eu deveria ter considerado aquilo uma atitude condescendente. Em vez disso, ouvi em sua voz algo que reconhecia na minha própria. Uma segurança que não vinha da convicção de ser infalível, mas de centenas de erros cometidos anteriormente.

Maurycy pegou uma pequena amostra de vidro âmbar sobre a mesa e a ergueu contra a luz. À primeira vista, era pesada demais, escura demais para o meu projeto. Então ele a deslocou alguns centímetros, e vi uma fina faixa dourada atravessando o centro do material.

Por um instante, não disse nada.

— A temperatura altera a distribuição da cor — explicou. — Se tentarmos fazer exatamente o que a senhora desenhou, teremos um objeto bonito. Se permitirmos que o material se afaste um pouco do projeto, talvez consigamos criar luz.

Estendi a mão.

Ele não me entregou a amostra imediatamente.

Nossos olhares se encontraram por cima daquele pedaço de vidro.

— Posso? — perguntei.

Só então ele o colocou na palma da minha mão.

Estava frio e era mais pesado do que parecia. Movi a peça sob a luminária. A linha dourada reapareceu, dessa vez sobre meus dedos.

Eu já conseguia enxergar aquela luminária.

Não a do meu desenho.

Uma melhor.

A descoberta me irritou quase tanto quanto me encantou.

— O senhor disse que metade dos projetos não vai funcionar.

— Sim.

— E a outra metade?

Maurycy apoiou a mão na mesa. Estava do outro lado, perto o suficiente para que eu sentisse o calor do galpão impregnado nele e um leve cheiro de fumaça, embora não o tivesse visto fumar.

— A outra metade pode ser o começo de algo que nenhum de nós conseguiria fazer sozinho.

Baixei os olhos para o meu desenho, agora coberto pelas observações dele.

Eu tinha ido até ali para encontrar um fabricante para a minha coleção. Ele deveria receber a documentação, calcular o custo de produção e provar que era capaz de executar minha ideia sem interferir naquilo que me pertencia.

Em menos de quinze minutos, eu começava a compreender que Maurycy Kłos não tinha a menor intenção de simplesmente executar coisa alguma.

O pior era que, pela primeira vez em muitos meses, eu realmente queria ouvir o que ele tinha a propor.

Ergui a cabeça.

— Muito bem. O senhor vai me mostrar onde mais acha que estou errada?

Por um segundo, ele me olhou como se aquela pergunta tivesse um significado maior do que uma conversa sobre vidro.

— Se a senhora realmente quiser saber.

Eu queria.

E foi justamente por isso que, parada diante dele sob a luz âmbar da vidraria, pensei pela primeira vez que meu plano, tão cuidadosamente protegido, talvez não sobrevivesse àquele encontro.

Eu só não sabia o que me assustava mais: a possibilidade de Maurycy tentar modificá-lo ou a de eu permitir que ele também modificasse alguma coisa dentro de mim.

Capítulo 1 - O preço da própria luz

Maurycy espalhou mais três desenhos sobre a mesa, e percebi imediatamente que não os havia organizado pela numeração. Escolhera aqueles que considerava mais difíceis. Durante alguns instantes, observei suas mãos deslizando as folhas sobre a superfície de madeira. Eram mãos de um homem acostumado ao peso, ao calor e a um material que não perdoava a falta de atenção. Ainda assim, tratava meus projetos com um cuidado quase surpreendente para alguém que, poucos minutos antes, havia questionado sem cerimônia metade do meu trabalho.

— Vamos começar por este — disse, apontando para uma luminária com uma cúpula assimétrica.

— Pelo mais difícil?

— Pelo mais honesto.

Observei-o com mais atenção.

— Você sempre fala assim?

— Assim como?

— Como se cada frase sua merecesse ser gravada na parede da oficina.

Ele soltou uma risada discreta.

— Só quando alguém tenta me convencer de que o vidro deveria se comportar como alumínio.

Eu não pretendia sorrir. Infelizmente, sorri.

Tirei uma folha adicional da pasta. Ela continha um corte técnico da cúpula que Maurycy evidentemente não havia recebido com a documentação enviada. Coloquei o desenho ao lado das anotações dele e indiquei o ponto onde

pretendia esconder o suporte. A estrutura se baseava em dois elementos independentes. Um sustentaria o peso; o outro serviria apenas para difundir a luz.

— Não estou tentando obrigar o vidro a fazer nada de que ele não seja capaz — expliquei. — Quero que pareça suspenso no ar, sem a ajuda do metal.

Maurycy se inclinou sobre o corte.

— Isso não estava nos arquivos.

— Porque é uma solução estrutural, não uma proposta de produção.

— Mesmo assim, você espera um orçamento.

— Espero uma conversa depois da qual eu possa entregar a documentação completa.

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes. Depois, afastou o desenho anterior e puxou o novo para perto de si.

— Nesse caso, vamos começar do zero. Mas, desta vez, nós dois vamos colocar as cartas na mesa.

Não respondi imediatamente.

Em quinze anos à frente do meu próprio estúdio, aprendi que a palavra "colaboração" às vezes era apenas uma maneira elegante de descrever uma situação em que uma pessoa fornecia a ideia e outra assumia o direito de contar a história de sua criação. Eu já havia desenvolvido projetos para empresas que imprimiam meu nome nos catálogos em letras menores do que as informações sobre o tipo de cabo de alimentação. Não queria voltar àqueles tempos.

— Depende do que você entende por colocar todas as cartas na mesa.

— Não estou interessado na sua lista de clientes nem na sua margem de lucro. Quero saber se devo fabricar seis objetos ou criar com você alguma coisa que ainda não existe.

Aquela foi a primeira frase que realmente me fez parar.

— Vim com uma coleção pronta.

— Você veio com seis projetos muito bons. Não é exatamente a mesma coisa.

Eu deveria ter me sentido ofendida. Em vez disso, olhei para a amostra de vidro âmbar ao lado dos desenhos. Uma hora antes, não havia reservado nenhum lugar para ela. Agora, conseguia imaginar como poderia transformar a luminária mais importante de toda a coleção.

— O que você quer, afinal, senhor Kłos?

— Maurycy. Se vamos passar algumas semanas juntos, o sobrenome vai acabar ficando cansativo.

— Ainda não decidimos que vamos passar algumas semanas juntos.

— Eu sei. É por isso que estou tentando convencê-la.

Ele ergueu os olhos e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, não sorriu nem um pouco.

— Quero participar da criação dessa coleção. Não apenas fabricá-la.

Do outro lado da parede, ouviu-se um ruído metálico vindo do galpão. Alguém gritou alguma coisa indistinta e, em seguida, o zumbido constante da ventilação voltou a dominar o ambiente. Pensei que, em outras circunstâncias, poderia considerar aquela proposta a realização de um sonho profissional. Trabalhar em parceria com um homem

que compreendia o vidro tão bem quanto eu compreendia a luz era, afinal, exatamente o que eu precisava.

O problema era que eu não havia planejado dividir o comando.

— O que isso significa na prática?

— Trabalhamos juntos na forma das peças. Você fica responsável pela luz, pela função e pela linguagem de toda a coleção. Eu cuido do vidro, da tecnologia e das possibilidades da oficina. Se alguma coisa não funcionar, ambos teremos o direito de dizer não.

— E se não concordarmos?

— Procuramos uma terceira solução.

— Parece maravilhoso, até o dinheiro entrar na conversa.

Maurycy assentiu.

— Por isso também vamos falar sobre dinheiro.

Sentamos à mesa. Ele pegou um caderno de capa manchada, não um notebook nem uma apresentação preparada. Anotava os números rapidamente, sem enfeites. Custos dos moldes, dos testes, das horas de trabalho, das perdas de material, do recozimento e de possíveis correções. Não tentava esconder os itens que poderiam parecer desfavoráveis. Quando perguntei qual seria a porcentagem de peças que não passariam pelo controle de qualidade, respondeu sem hesitar.

— Com essa geometria? No começo, talvez vinte e cinco por cento.

— Bastante.

— O suficiente para eu não lhe prometer milagres.

— E depois?

— Se desenvolvermos bem o processo, podemos baixar para menos de dez por cento.

Comecei a fazer anotações. Em determinado momento, ele me entregou um lápis antes mesmo que eu pudesse procurar um na bolsa. Aquele pequeno gesto tinha uma intimidade estranha em sua simplicidade. Ele percebeu que eu precisava de alguma coisa e simplesmente a ofereceu. Sem comentários, sem interromper a conversa.

Durante a hora seguinte, discutimos milímetros, temperaturas e proporções. Maurycy rejeitou minha primeira solução para a suspensão. Eu demonstrei que a proposta dele prejudicaria a distribuição da luz e criaria uma mancha escura no teto. Ele trouxe uma amostra de vidro com outra espessura. Encostei nela a lanterna do celular e depois desloquei a fonte luminosa até encontrar o ângulo adequado.

— Está vendo? — perguntei por reflexo.

Só percebi que havia abandonado o tratamento formal quando ele respondeu.

— Estou vendo.

Não me corrigiu. Não aproveitou a ocasião para fazer uma brincadeira. Simplesmente ficou ao meu lado para observar da mesma perspectiva.

Foi então que senti, pela primeira vez, como seria fácil me acostumar à presença dele.

Não à sua aparência, embora fosse difícil não notar os ombros largos e o rosto tranquilo de um homem que não tentava esconder seus quarenta e sete anos. Era mais o modo como sabia ouvir. Não ficava apenas esperando sua vez de falar. Quando eu apresentava um argumento, ele o examinava, mesmo que contradissesse sua opinião anterior.

Fazia muito tempo que eu sentia falta daquele tipo de atenção.

Por volta das duas da tarde, uma mulher de avental azul-marinho entrou na sala. Tinha cabelos curtos e o olhar de alguém que havia muitos anos deixara de se surpreender facilmente.

— Maurycy, Andrzej quer saber se você aprova o teste de amanhã. E chegou a confirmação da gráfica.

Ela lhe entregou dois documentos.

— Obrigado, Ewa. Vou lá em dez minutos.

A mulher me olhou com uma curiosidade simpática.

— Você é a moça das luminárias?

— Liliana Sowa.

— Ewa Borkowska. Sou eu quem impede esse homem de prometer aos clientes coisas que depois não conseguimos fabricar.

— Hoje ele me prometeu muito pouco.

— Isso significa que está realmente interessado.

Maurycy suspirou.

— Ewa.

— Já estou saindo.

Quando a porta se fechou, percebi que um dos documentos dizia respeito ao catálogo da oficina. No alto, havia um grande logotipo: KŁOS. VIDRO E LUZ. Abaixo, fotografias de alguns objetos elegantes.

— Vocês têm uma linha própria de produtos? — perguntei.

Maurycy cobriu o documento com o caderno, mas não rápido o bastante para que o gesto parecesse casual.

— Há alguns anos. Uma linha pequena.

— E você quer ampliá-la?

— Quero que a oficina deixe de ser conhecida apenas por executar encomendas de outras pessoas.

Compreendi por que minha coleção poderia interessá-lo mais do que a conversa inicial sugeria.

— Então nós dois temos alguma coisa a provar.

Ele me olhou.

— Para quem?

— Depende do dia.

Por um instante, tive a impressão de que ele faria mais perguntas. Não fez. Fechou o caderno e afastou a cadeira.

— Venha. Quero lhe mostrar mais uma coisa.

Ele me levou até uma pequena sala atrás do galpão, onde havia uma luminária sobre um suporte metálico. Não se parecia com nenhum dos objetos que eu vira no catálogo. A cúpula era irregular, quase transparente de um lado e escura como chá forte do outro. A luz a atravessava de maneira desigual, projetando uma faixa suave sobre a parede.

— É um experimento de dois anos atrás — explicou. — Nunca chegou a ser vendido.

— Por quê?

— Não consegui encontrar a estrutura adequada.

Agachei-me para examinar a base. Era pesada, maciça demais. Anulava a leveza do vidro.

— Sei qual é o problema.

— Imagino que sim.

— Você não precisa de uma base. Precisa de um contrapeso escondido no suporte.

Maurycy se agachou ao meu lado.

— Foi exatamente o que pensei quando vi seu projeto número quatro.

Virei o rosto. Nossos rostos ficaram mais próximos do que seria habitual numa conversa profissional. Vi as pequenas rugas ao redor dos olhos dele e um corte discreto no queixo. Tinha cheiro de sabonete, madeira e alguma coisa quente que eu não conseguia distinguir do aroma do galpão.

Ele não se afastou bruscamente.

Eu também não.

— Então foi por isso que me convidou? — perguntei, baixando a voz.

— Entre outras coisas.

— E quais são os outros motivos?

Ele se levantou primeiro e me ofereceu a mão. Aceitei, embora não precisasse de ajuda.

— Ainda não descobrimos.

Voltamos à mesa com outra disposição. Eu já não tinha vontade de provar que todas as minhas decisões iniciais eram perfeitas. Queria descobrir o que poderíamos alcançar combinando o conhecimento dele sobre vidro com minha experiência em iluminação.

Isso, porém, não significava concordar com tudo.

— Vamos fazer um teste — propus. — Uma cúpula. Sem compromisso com a coleção inteira.

— De qual projeto?

— Do quarto. Mas com o novo suporte.

— E com outra espessura de vidro.

— Tudo bem.

Maurycy anotou o que havíamos combinado e hesitou diante de uma linha em branco.

— Podemos registrar provisoriamente isso como um projeto da oficina.

Levantei a cabeça.

— Provisoriamente, você pode até chamar de "panqueca cósmica", desde que a documentação continue sendo interna. Mas quero uma cláusula clara no contrato sobre a autoria do projeto.

Ele não gostou. Vi sua mandíbula se contrair por um breve instante.

— Claro.

— Maurycy.

— Sim?

— Não falei isso por acaso.

Ele largou a caneta.

— Eu sei.

Durante alguns instantes, ficamos sentados frente a frente em silêncio. Não era um silêncio desagradável, mas carregava o peso de alguma coisa que nenhum de nós ainda queria nomear.

— Tudo bem — disse ele, por fim. — Vou preparar uma proposta de condições. Você a analisa. Não começaremos nada sem sua aprovação.

— E você também não começa sem meus desenhos.

— Parece que estamos condenados um ao outro.

— Não exagere. Por enquanto, estamos comprometidos apenas com uma cúpula.

Ele sorriu, e percebi que estava esperando por aquele sorriso.

Quando saí da oficina, o céu sobre a Baixa Silésia tinha a cor de grafite molhado. O ar estava frio e cheirava a chuva. Maurycy me acompanhou até a porta, embora não precisasse.

— Liliana.

Virei-me.

— Sim?

— Não quero que você pense que estou tentando tomar sua coleção para mim.

Fiquei olhando para ele durante alguns instantes.

— Então não me dê motivos para pensar isso.

Ele não se ofendeu.

— Justo.

Entrei no carro com a pasta cheia de novas observações e a cabeça cheia de pensamentos que não havia planejado levar comigo. Pela primeira vez em muitos meses, eu não tinha certeza de como seria o resultado final do meu trabalho.

E, pela primeira vez em muito tempo, aquela incerteza não era apenas desagradável.

Capítulo 2 - Limites e promessas

Na manhã seguinte, o telefonema de Marta me acordou antes que eu conseguisse tomar meu primeiro café. Minha amiga tinha o hábito de ligar em horários que considerava razoáveis, independentemente de o restante do mundo compartilhar sua opinião. Havia doze anos, administrava uma pequena galeria de design em Wrocław e era uma das poucas pessoas capazes de me dizer que um projeto meu estava ruim sem correr o risco de acabar com nossa amizade.

— Então, como foi? — perguntou, sem sequer me cumprimentar.

Eu estava junto à janela do apartamento alugado, olhando para os telhados molhados de uma pequena cidade da Baixa Silésia. Sobre a mesa estavam os desenhos que eu não havia guardado na noite anterior. Ao lado deles, uma xícara de café frio e a amostra de vidro âmbar que Maurycy havia me permitido levar para examinar sob a luz natural.

— Interessante.

— Essa é a palavra que você usa tanto para catástrofes quanto para fascinações. Qual das duas foi desta vez?

— Ainda não sei.

Marta riu.

— Então o homem é bonito.

— Estamos falando de uma oficina.

— Claro. Por isso você está falando como se tivesse dezessete anos e estivesse tentando convencer sua mãe de que só vai sair para pedir um caderno emprestado.

Encostei a testa no vidro frio.

— Ele tem quarenta e sete anos, é dono da própria empresa e acha que metade dos meus projetos precisa ser modificada.

— Parece promissor.

— Marta.

— O quê? Finalmente você conheceu alguém que não fica dizendo apenas o que você quer ouvir.

Não respondi. Não porque me faltassem argumentos. Simplesmente sabia que, naquele ponto específico, ela tinha razão.

Nos últimos anos, eu havia construído uma vida que parecia exatamente como queria. Meu próprio estúdio, um apartamento em Wrocław, encomendas suficientes para não precisar aceitar qualquer trabalho e solidão suficiente para que ninguém me impedisse de trabalhar até as duas da manhã. Depois do divórcio, passei muito tempo tentando me convencer de que independência significava não precisar explicar minhas decisões a ninguém. Com o passar do tempo, comecei a suspeitar que havia confundido independência com o hábito de permanecer em silêncio.

— Hoje vou discutir com ele as condições da parceria — contei.

— E do que você tem medo?

Olhei para a amostra de vidro.

— De que ele queira demais.

— E você?

— Eu também.

Marta não respondeu imediatamente.

— Então talvez, pela primeira vez em muito tempo, vocês conversem como parceiros de igual para igual.

Depois de desligar, abri o notebook e examinei minhas mensagens. Maurycy havia enviado uma proposta de cronograma às seis e quarenta e oito da manhã. Não havia gentilezas desnecessárias. Havia datas, custos, disponibilidade dos fornos e uma lista de decisões que precisaríamos tomar antes de começar o trabalho.

No final, encontrei uma frase: "Proponho que ambos tenhamos o direito de interromper o projeto caso ele deixe de corresponder ao que combinamos".

Li duas vezes.

Depois acrescentei minha própria condição: "Todos os materiais promocionais, apresentações e publicações referentes à coleção deverão receber aprovação prévia de ambas as partes".

Enviei a mensagem antes que pudesse começar a pensar se estava sendo excessivamente firme.

A resposta chegou quatro minutos depois.

"Concordo. Venha às onze. Quero lhe mostrar algo que não pode ser enviado por e-mail."

Não sabia o que me incomodava mais: a segurança dele ou o fato de eu ter começado imediatamente a imaginar o que queria dizer.

Cheguei à oficina alguns minutos antes do horário combinado. Ewa me recebeu no escritório e me conduziu até uma sala que eu ainda não conhecia. Sobre uma mesa grande havia seis amostras de vidro, cada uma iluminada por uma fonte diferente. Ao lado estavam meus desenhos, dessa vez sem as correções feitas a lápis.